NUMERO 113. SABBADO 22 DE MAIO DE 1830.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA"

O AMIGO DO HOMEM, E DA PATRIA.

Malheur à l'homme qui rapporte tout à lui, qui ne voit que lui dans la Nature.

Subscreve-se a 5$ reis por semestre, pago no principio delle: huma Folha que sahirá ás Terças, Quintas, e Sabbados, em Porto Alegre na Typographia; no Rio Pardo em Casa do Sr. José Antonio Soares; e no Rio Grande em Casa do Sr. Francisco Manoel dos Passos. Folhas avulças na mesma Typographia a 80 reis cada huma.

INTERIOR.

OS homens não são escravos se não quando são timidos, ignorantes e desarazoaveis. Os Paizes onde reina a liberdade são aquelles onde a razão tem o maiór podêr. Deixemo-nos pois de attribuir sempre ao clima a escravidão em que gemem a maiór parte dos Póvos. As abrasadoras aréas da Lybia, as ferteis planices da Asia, os gelados bosques do Norte igualmente obedecem a Despotas respeitados. As superstições dos Póvos, ainda que muito variadas entre si, todas combinão em adormece-los na ignorancia e escravidão. Como se póde imaginar que o clima possa ser a unica causa de seu captiveiro? Dirse-ha, que o sol, que aquecia os Gregos e Romanos, antigamente tão ciósos de sua liberdade não lance mais os mesmos raios sobre seus degenerados descendentes? Hoje não cultivão suas mãos campos outr'ora regados do sangue de seus magnanimos antepassados? Não espezinhão estes despreziveis escravos os monumentos de seus gloriósos pais? Não, não he o clima que sujeita os homens ao despotismo, elle introduz-se pela força e astucia; estabelece se e nutre-se pela violencia, pela impostura, e sobre tudo pela superstição: só ella está na posse de privar os homens da intelligencia, e de lhes vedar o uso da razão; só ella lhes faz desconhecer sua natureza, sua dignidade, seus alienaveis privilegios; depois de os ter enganado em nome dos Deoses, ella os faz tremer ás plantas dos Reis.

Nada menos era precizo que hum dilirio consagrado pelo Ceo, para fazer crer a seres amorósos da liberdade, de continuo procurando a felicidade, que os depositarios da Authoridade Publica tinhão recebido de Deos, o direito de os escravisar, e faze-los desgraçados. Era precizo Religiões que o figurassem com visos de hum Tyranno, para fazer acreditar aos homens, que Tyrannos injustos o representavão sobre a terra. Era precizo a cegueira mais completa para confundir o abuso com o podêr, a lei com o caprixo, a violencia com o direito, a injustiça com a equidade. Foi, sem duvida, nestes momentos de cegueira, que os Reis pretenderão ter feito com seus Póvos pactos, subrepticios, tão vantajózos para elles só, e tão nocivos para os desgraçados com quem elles dizião ter contractado; estes Reis persuadirão-se que nem a natureza, nem a razão, nem o tempo, nem a vontade dos Póvos, nem mesmo a necessidade das cousas podião inutilizar hum pacto insidioso. Desta sorte arrogarão a si o direito de serem impunemente injustos, sem

deixarem de ser os senhores. As Nações intimidadas raramente se atrevêrão contradizer as potencias celestes, armadas com as da terra para as conter no jugo. A voz da impostura havia apregoado aos homens: "Submetteivos, sem vos queixardes, a seres privilegiados que os Deoses na sua colera sobre vossas cabeças tem plantado; suffocai os gritos de huma natureza rebelde que ordena a vossa conservação, que exige procurardes a vossa felicidade. Abjurai huma razão criminosa; que ella não examine direitos authorizados pelo Ceo. Vosso sangue, vossa existencia, vossa vida pertence a hum mortal que potencias superiores tem escolhido para vos condemnar; elle terá o direito de vos fazer desgraçados; será o executor das vinganças divinas, e o Ministro dos furores do Altissimo: quanto a vós, nem mesmo tendes o direito de vos queixardes. Se vossa audacia vos fizesse duvidar destes oraculos, o ferro e o fogo vos persiguirião neste mundo, e no outro tormentos eternos castigarião vossa sacrilega desobediencia."

Opprimido com estes temores, e cheio de prejuizos, supportava o homem com paciencia os seus grilhões: emmudecco a razão, rezistio ao dezejo de melhorar sua sorte; temeu de redobrar seus males, em lugar de os alliviar; olhava para suas calamidades, consequencias naturaes das paixões e loucuras de seus iniquos senhores, como castigos do Ceo, aos quaes era precizo submetter-se com humildade. Quando hum feliz acaso lhe dava Soberanos mais humanos e rasoaveis, rendião graças aos Deoses; quando a sorte lhe dava Tyrannos, tomavão isto como flagellos do Ceo com razão encolarisado pelas suas culpas. Veio a ser pois cada vez mais cego e supersticioso. A Tyrannia e a soperstição servem-se, quasi sempre, de apoios e alimentos reciprocos. He assim que a maiór parte dos Póvos da terra tem cahido nesta laxidão, nesta estupidez e inercia que os faz quasi insenciveis aos males que continuamente experimentão.

Extracto da Obra de Saint Leon, intitulada Estudo do Credito Publico.

Ha hum ser, que he cidadão de todos os paizes e que viaja continuamento; o ar não he mais subtil, nem a agoa he mais fluida, do que elle. Lança todas as cousas fóra do seu lugar, e tudo restabelece tambem no seu primeiro estado. He mudo, e falla todas as lingoas, e he mais eloquente do que os grandes Oradores. Abafa as querellas e os tumultos, e suscita guerras e processos. Esquenta os animos, e provoca a baixeza. Passa os mares, não respeita barreiras, e não se fixa em lugar algum. Abrevia as distancias geographicas, e alarga as distancias moraes. Cava todas as desigualdades sociaes, e as aplaina entopindo-as. Impera sobre todas as industrias, procura o repouso, e faz perder o somno. He a potencia da tyrannia, e he a garantia da independencia. A virtude o despreza, mas não precinde delle. Se está presente produz orgulh, e auzente gera submissão. He atrevido, imperioso, impudente mesmo, mas não deixa de ser tambem condescendente, bemfazejo, e caridoso. He o melhor dos amigos, e o mais perigoso dos inimigos, assim como he o melhor e o mais funesto de todos os Conselheiros. Á voz do prodigo elle converte as suas terras e a sua casa em hum pó, que se póde lançar ao vento. Elle ajuda a providencia a acumular o que economisa. Innocente de sua natureza, corrompe a innocencia. Provoca todos os crimes, protege todos os vicios, ataca todas as virtudes, e nem por isso deixa de ser o objecto de hum culto universál. As Nações e os individuos, disputão entre si a sua posse exclusiva, posto que elle seja o seu interpretre mutuo e necessario. Procura todos os prazeres e saptisfações, ao mesmo tempo que serve com zelo aos caprichos, e precizões, aos gostos, e ás paixões. Dá leite, e teta aos meninos, e he elle mesmo o leite e a teta para os velhos. Leva o pão á boca dos paraliticos, e o punhal ás mãos dos assacinos. He surdo ao pobre, que o implora, e precipita-se nos braços do rico, que o prostitue. Arranja todos os casamentos, e desaranja todas as familias. Servo proprio para todo o serviço, mas sempre vagabundo, se entra em qualquer casa, he para sahir logo della: e se algum o sopéa, não serve para nada, e dorme. He precizo procurar que volte, quando tem sahido, porque o seu prestimo he muito proficuo. Se alguem

desejar pão, fitas, titulos, honras até mesmo dispensas, terá nelle hum bom agente, porque conhece todas as fabricas e armazens, e sabe quaes são as chaves que os abrem em boa occasião. Aquelle que for frade ou forte, será por elle convertido em *Crasso* ou em *Ire*. Ainda que sejaes *Racine, Cavois, Larochefoucauld*, ou o Judeo *Samuel*, todavia, elle vos abrirá os pavilhões de *Marly*. Ainda que sejaes sobrinha de *Mazarino*, ou de *Villars*, de *Isaac*, ou de *Praslin*, todavia elle vos fará Duqueza. He tão indispensavel, que sem elle os Principes farião pelas suas mãos o seu calçado; a feia *Martha* ficaria donzelona, *Bouvard*, não teria que trabalhar, e *Rhodope* sería pudica. Elle incendiou *Copenhague*, e edificou *Petersbourg*; inerte, e he motor universal; he inanimado, e he a alma do mundo. Mas de quem fallamos nós? — do *dinheiro*, — ou do *numerario* seguindo a lingoagem economica.

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR.)

S. Miguel 7 de Janeiro 1830.

Meu charo amigo. Em quanto esta turba de fanaticos Miguelistas me deixa tempo, e modos de escrever-lhe, quero informa-lo do que aqui se passa. Já por esse novo mundo saberá do exito da expedição de D. Miguel contra a Terceira: o fogo se ouvio da *ponte dos Mosteiros* desta Ilha. Forão estes *Quixotes* mui altanados daqui reunidos, e regressarão do rabiuho entre pernas. Eu, que não perco vaza, em quanto escapo ás dentadas destes lobos, lhes fui ouvindo as proezas: segundo elles perderão só 1:300 pessoas em soldados de Marinha, exercito, e equipagem. A Náo recebeu 27 rombos, a Diana 38, passando-a de lado a lado algumas ballas; os outros vasos soffrerão muitos: e a resistencia toda foi feita por tres fortes pequenos, e huma bataria raza na Villa da Praia, guarnecidas de voluntarios de S. M. F. a Senhora D. Maria II. Não se desenganão de que hum homem, que defende a sua liberdade equivalle por dez escravos, que pugnão pelo absolutismo. Bem sabe o meu amigo que sendo eu filho da Terceira, aqui sou havido por hum malhado de chapa (Santas mulas, que agora me lembrastes, ainda espero encommendarme em vós; porque em fim morrestes martyres á tiros do Dei do Tejo) e por tanto com os da Ilha faço vaza, más com os taes Transmontanos de bigode retrocido, cruzes: ando entre elles tão tremulo de medo, que já não perco a molestia. Antes que daqui partissem, andavão cahpanudos; mas á volta, murchos como charuto de Havana. Temos a fortuna de ainda aqui se não haver aberto huma forma *devassa inquizitorial*; mas tem feito façanhas hum Tenente Coronel Azeredo, Major graduado Julio Cesar Augusto, hum Tenente Tinoco, Capitães Evaristo e Amancio. Estes malvados, e seus companheiros, conhecendo o espirito da Ilha em adherir á Terceira, e as suas grandes riquezas metalicas, procurão pretextos de pô-la a saque, a pezar da prudencia, com que estes habitantes tem supportado, a estes barbaros: huns forão prezos, outros exilados, e muitos foragidos: em summa, aqui ha o mesmo systhema de denuncias, e o mais da quadra, que lhe vai na cola, e lhe serve de rabo leva. A tropa da famigerada expedição destacou-se por todas as Ilhas, e alguma regressou ao Tejo; o que faz presuppor projectos de nova investida na primavera proxima: — serão bem hospedados. Nesta Ilha ficarão perto de 700 praças de Caçadores 11, Artilheria, e o resto de 20 de Infantaria. Aqui estamos carregando estes fardos: a providencia he grande, e o mar largo. Devo tambem dizer-lhe que vinha na Alçada para a Terceira hum façanhudo Desembargador Torres que aqui esteve, e por ora no Faial se acha: grande Argelino!

As outra Ilhas dos Açores estão todas tão Miguelistas, como nós turcos: mas o que podem alguns combros de pedras isoladas sobre o athlantico? sem fortificação, ou soccorros de qualquer costa, ou chefes, que os animem? Todavia de pouca importancia fôra o seu pendôr nas cousas Portuguezas de agora; sería immolar estes insulares: o ponto central, e vivificativo se limita á Terceira; alli se ha de ser heroe feliz como em Thermopylas, ou desventuroso como em Uttica.

Bem haja V. m., meu amigo, que escapou destas derradeiras *bernardas* Portuguezas, e

em descanso ao menos vive dias serenos no novo mundo, e (o que mais val) em hum paiz de liberdade, e que affeições ha produzido ahi a nossa causa? Quizera que V. m. me informasse de tudo. A arvore da liberdade, que nós plantámos, foi esgalhar os seus fructos no Brasil, e deixou-nos o tronco esteril, e mirrhado! Venturosos habitantes esses, e mais venturoso Monarcha o Seu! Meu amigo, aqui desfalece a minha jocosidade: — huma esposa ao meu lado, dous filhos innocentes, tolhem-me espraiar-se-me o animo. Se este labyrintho se não deslinda em breve, hirei viver além do equador, e então nos abraçaremos; e se eu cahir victima destes barbaros, praza aos Ceos que seja a ultima. Saúde por mim o novo Mundo, saúde á terra da Liberdade, e aos seus dignos Sustentaculos! Adeos meu amigo: — Sou etc.

Os negocios de Portugal tem sido mui debatidos no Parlamento Inglez. Depois que o Lord Chancellor fez a leitura da falla do throno, Lord Saltoun, tratando sobre Portugal assentou que apezar de pertoncer a Coroa desse Reino aos primogenitos, com tudo lembrava que D. Miguel fôra acclamado pelos *Estados-Geraes* da Nação, e que por tanto o Governo de S. M. B. não devia intervir nesta disputa. O Conde Stanhope, e o Lord Goderich descobrirão na falla do throno desejos de reconhecer a D. Miguel, como Rei, e neste caso, diz o Lord, he mister que este acto seja estranho á Inglaterra, e que os emigrados sejão protegidos, porque sería injusto entregar estas victimas ao furor da tyrannia. O Conde de Carnawon advoga a causa da Rainha D. Maria, e prodíga os mais lisongeiros elogios ao Conde de Villa Flor, e seus bravos companheiros. Foi então que o Duque de Wellington tomou a palavra, e em hum longo, e energico discurso mostrou que sempre procurára mostrar-se neutro entre os dous Principes da casa de Bragança: foi nesse sentido que o Lord mandou fazer fogo sobre as Tropas que hião desembarcar na Terceira: nesta occasião gritou Lord Holland! *escutai! escutai!* mas o ministro não interrompeo o seu discurso, e começou á tratar sobre as desordens internas que appelida de *forças*. O Marquez de Claricarde pede informações sobre huma illustre personagem (Lord Strangford) que fôra enviada ao Rio de Janeiro, e que sem isto se não podia tratar dos negocios de Portugal..... levantou-se então o Conde de Aberdeen (Ministro dos Negocios Estrangeiros) e disse que o Governo daria as informações antes de resolver-se..... antes de resolver-se! diz Lord Holland: o Conde explicou-se largamente. Lord Holland faz-lhe algumas perguntas, e o Conde responde com muita arrogancia, que o Rei seu Augusto Amo, tinha seus Conselheiros, e que para se resolver não precisava dos Conselhos do nobre Lord (Holland). Seguirão-se o Conde Darnley, e Marquez Lansdown, e outros illustres Membros que fallarão no sentido de Lord Holland.

Na Camara dos Communs Sir F. Knatchbull fallou com vehemencia a favor de D. Miguel, que sendo á tanto tempo Rei de Portugal, não havia aindo sido reconhecido pelo Governo. Todos os outros Membros só tratárão do estado miseravel em que se achava o Reine, e requererão que quanto antes se fizesse huma representação a El-Rei.

LEILÕES.

Hoje 22 do corrente continúa o leilão no sobrado por cima da loja de alfaiate de Antonio Gaffréc. Haverá entre outros artigos: vinho de Lisboa; dito de Cette; dito muscatel engarrafado; licores Francezes; concervas salgadas; chitas; morins, &c. &c. Principiará ás 9 horas precisas.

Segunda feira 24 do corrente ás 10 horas da manhã e até ás 2 da tarde, em casa de Mathié Irmãos & Comp., ha leilão de differentes artigos.

PORTO ALEGRE 1830. NA TYPOGRAPHIA DE SILVEIRA, E DUBREUIL.
RUA DA PRAIA NUMERO 62.